

# Indisciplina e violência no universo da escola: algumas reflexões

Alberto A. Gomes\* & Maria das Dores da Cruz\*\*

Este artigo tem por objetivo descrever os resultados de uma pesquisa sobre indisciplina na qual procuramos identificar as representações construídas pelos alunos de uma escola pública acerca de indisciplina no âmbito escolar, bem como analisar possíveis causas de comportamentos considerados indisciplinados. Optamos por uma abordagem qualitativa realizando entrevistas com alunos, observações no pátio e nos corredores no decorrer das aulas e nos intervalos no período matutino em uma Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio do Município de Presidente Prudente, no Estado de São Paulo, Brasil. Ao término de nossa investigação foi possível identificar várias formas de manifestação de indisciplina e alguns possíveis fatores que levam os alunos a praticarem atos considerados indisciplinados. Entretanto, é incoerente falar sobre indisciplina sem antes compreendê-la, pois se trata de um tema constantemente discutido, porém de grande complexidade.

## 1. A indisciplina no topo da agenda das escolas

A indisciplina está no topo das agendas educacionais segundo afirmação do Ministro da Educação, Professor Paulo Renato de Souza ao jornal *Folha de São Paulo* (1998). Conquistar a disciplina na sala de aula, pois, tornou-se um dos principais desafios dos educadores das instituições públicas e privadas. Tais preocupações atingem escolas com clientela de todos os níveis sociais que enfrentam problemas disciplinares que atrapalham o trabalho pedagógico desafiando professores, diretores, orientadores pedagógicos que não sabem como lidar com alunos desinteressados, apáticos e indisciplinados dispostos a enfrentarem regras e normas institucionais.

\* Professor da Faculdade de Ciências e Tecnologias da Universidade Estadual Paulista (UNESP), Presidente Prudente - São Paulo. Bolsista de Pós-Doutoramento da Fundação CAPES na Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, Lisboa, no ano lectivo de 2003-2004.

\*\* Licenciada em Pedagogia pela Faculdade de Ciências e Tecnologias da Universidade Estadual Paulista (UNESP), Presidente Prudente - São Paulo.

Na tentativa de identificar possíveis causas da indisciplina, de dividir ou mesmo de atribuir responsabilidades pela mesma aos alunos, os educadores numa situação de desespero e saudosismo sonham “em punir severamente, “à antiga” os baderneiros, expulsa-los da sala, tirar pontos da nota, ganhar “no berro”, enfim punir exemplarmente “os maus elementos”.

Às vezes, através de simplificações grosseiras do problema, professores e diretores atribuem ao aumento das taxas de escolarização de massas que resultaram no aumento da população escolar, o aumento dos casos de indisciplina na escola.

Ou seja, a população que historicamente esteve excluída, ao ingressar na escola por conta da expansão de oportunidades de ingresso tem sido responsabilizada pelo aumento dos casos de indisciplina, o que pode camuflar um preconceito em relação a indivíduos de classes populares beneficiados por essas políticas. Essa necessidade de controle da escola sobre uma população de alunos em expansão pode ser uma das causas das divergências entre os interesses dos sujeitos que compartilham o espaço escolar (professores, alunos, direção, família, etc) nem sempre convergentes.

## 2. A disciplina nossa de cada dia

A necessidade de controle no interior da escola é definida por um padrão de disciplina que se refere ao aluno submisso, que obedece; àqueles que se rebelam ou desobedecem as regras atribui-se o rótulo de indisciplinados. Nesse sentido, a escola afirma uma hierarquia e um conceito de disciplina assemelhado ao descrito por Foucault (1987: 153):

[...] poder disciplinar é com efeito um poder que em vez de se apropriar e de retirar, tem como função maior adestrar; ou sem dúvida adestrar para retirar e se apropriar ainda mais e melhor [...]. O sucesso do poder disciplinar se deve sem dúvida ao uso de instrumento simples: o olhar hierárquico, a sanção normalizadora e sua combinação num procedimento que lhe é específico, o exame.

O poder disciplinador descrito por Foucault sempre esteve associado ao controle e ao adestramento do corpo dos indivíduos em substituição aos suplícios dos condenados expostos em praça pública no século XIX. Ao invés de condenar o corpo às prisões, dever-se-ia disciplinar o sujeito, através de sanções e regras que pudessem evitar desordem de condutas e promover condutas produtivas.

Nesse sentido, a arquitetura das instituições modernas (hospitais psiquiátricos, escolas, etc) foi pensada e desenvolvida com intuito de disciplinar o sujeito controlando seus tempos, seus espaços, seus gestos e suas relações. Muitas escolas mantêm certos padrões de disciplina que proíbem os alunos de conversarem durante as aulas, de questionarem os professores e o silêncio na sala de aula é a virtude suprema. Nesse

sentido, o objetivo da disciplina ainda se assemelha aquele descrito por Foucault (1987: 15).

A disciplina fabrica o indivíduo; ela é a técnica específica de um poder que torna os indivíduos ao mesmo tempo como objeto e como instrumento de seu exercício [...] o exercício da disciplina supõe um dispositivo que obriga pelo jogo do olhar, um aparelho onde as técnicas que permitem ver, induzam a efeitos de poder, e onde em troca, os meios de coerção tornem claramente visíveis sobre quem se aplicam.

Como a disciplina sempre está associada à idéia de limites, as escolas tendem a se preocupar com o manejo e controle do comportamento dos alunos e a centrar a educação na figura do professor. E quando algo foge ao controle do professor, ele ou o corpo administrativo da escola precisam dispor de instrumentos e de autoridade para aplicar as sanções. Numa cultura, numa educação centrada na figura do professor qualquer desvio de comportamento do aluno é considerado um ato indisciplinado.

As organizações escolares modernas não permitem a participação, a cooperação e o questionamento dos alunos porque seus princípios educativos são similares ao das organizações escolares do século XVII e XVIII. Segundo Foucault (1987), as escolas nessa época mantinham uma característica de aprendizagem corporativa em que o aluno (aprendiz) tinha total dependência do mestre. Tais organizações escolares decidiam o tempo da aula, a duração da formação que culminava com uma prova qualificatória, a divisão das classes dependendo da aptidão do aluno e do nível de sua aprendizagem e os exercícios individuais e seqüenciais que cada um deveria desenvolver. Cada escola deveria manter um livro geral em que professores ou seus adjuntos deveriam registrar periodicamente o comportamento dos alunos. Antes de iniciar as aulas, diariamente deveriam fazer a chamada e registrar as faltas. Ao final de cada ano, os alunos eram avaliados pelos professores e aqueles que apresentavam progressos passavam para a série seguinte como forma de recompensa.

A escola dos Gobelins é apenas o exemplo de um fenômeno importante: o desenvolvimento na época clássica, de uma nova técnica para apropriação do tempo das existências singulares; para reger as relações do tempo, dos corpos e das forças; para realizar uma acumulação de duração; e para inverter em lucro ou em utilidade sempre aumentados o movimento do tempo que passa. (Foucault, 1987: 142)

Como se vê, nossas escolas mantém a mesma estrutura com o intuito de se apropriar dos indivíduos através de mecanismos de controle do comportamento, do tempo (cada aula dura tantos minutos, cada nível de formação deve durar tantos anos, etc.), e dos exames qualificatórios. O aluno por ser um aprendiz, precisa sujeitar-se às normas

pré-estabelecidas pelo mestre. A escola como qualquer outra instituição social está organizada para a disciplinarização do indivíduo. Nesse sentido, as funções da escola seriam evitar a desordem, proporcionar as condutas produtivas e desenvolver nos alunos as condições necessárias para o convívio social. Porém, cabe ressaltar que nosso estudo refere-se a uma escola do século XXI e Foucault refere-se a uma escola do século XVII!

Observamos portanto, que as questões referentes à indisciplina escolar estão em pauta há bastante tempo. Ou seja, todos a reconhecem, mas são poucos os que conseguem explicá-la. De fato o que é indisciplina?

Se verificarmos os sentidos que a língua portuguesa reserva para os conceitos de indisciplina e disciplina, encontraremos algumas definições tais como: todo ato ou dito contrário à disciplina que leva à desordem, à rebelião constituir-se-ia em indisciplina. A disciplina enquanto regime de ordem imposta ou livremente consentida que convém ao funcionamento regular de uma organização (militar, escolar, etc.) implicaria na observância a preceitos ou normas estabelecidas. (Ferreira, 1992).

Como podemos observar na definição acima, a disciplina é entendida como a adequação do comportamento dos indivíduos às ordens e regras, pré-estabelecidas por uma determinada organização social.

Vasconcellos (1995: 50) nos traz a seguinte definição de como seria entendida a disciplina escolar: Disciplina é entendida como a adequação do comportamento do aluno àquilo que o professor deseja. Só é considerado disciplinado o aluno que se comporta como o professor quer. Disciplinado portanto é aquele que se submete, sem questionar, às regras, aos preceitos de determinada instituição escolar.

Por outro lado, podemos recorrer a La Taille (1996: 20) para complementar esta definição:

Vários atos de indisciplina traduzem-se pelo desrespeito, seja do colega, seja do professor, seja ainda da própria instituição escolar (deprecação das instalações, por exemplo). É certamente este aspecto desrespeitoso de certos comportamentos discentes que preocupa no mais alto grau os educadores.

Entretanto, se entendermos o processo educativo como um processo de humanização para o exercício da cidadania a disciplina pode ser entendida como a capacidade de comandar a si mesmo; de se impor aos caprichos individuais, às veleidades desordenadas, significa, enfim uma regra de vida (...). A disciplina não deve ter fim em si mesma, deve estar relacionada aos objetivos maiores da escola que é formar o aluno (Vasconcellos, 1995: 40).

Porém, apesar das contribuições de La Taille e Vasconcelos elucidarem em parte a questão, o fenômeno da indisciplina deve ser analisado envolvendo outros aspectos. Na visão de Aquino (1996: 45) a indisciplina [...] seria um sintoma de injunção da

escola idealizada e gerida, para um determinado tipo de sujeito e sendo ocupado por outro. Equivaleria, pois a um quadro difuso de instabilidade gerada pela confrontação deste novo sujeito histórico e velhas formas institucionais cristalizadas. Ou seja, a indisciplina seria a forma do aluno indisciplinado expor seu descontentamento com a estrutura funcional da escola.

Nesse cenário, evidenciam-se as demandas diferenciadas e contraditórias por parte dos indivíduos que partilham o espaço escolar gerando conflitos e discrepâncias de idéias entre os mesmos. Considerando-se esse contexto, observa-se que a concepção de disciplina mantém uma relação de dependência com o meio social em que está inserida, pois, é de acordo com princípios e valores pré-estabelecidos pelos grupos constituídos que se definem as regras que determinam essa disciplina.

Porém, para não correremos o risco de descarregar o problema exclusivamente sobre a estrutura escolar, o aluno e o professor, recorreremos novamente a Vasconcellos (1995: 55) que nos chama a atenção para o fato de que as causas da indisciplina podem ser justificadas a partir da injunção de diferentes níveis:

*As causas da indisciplina podem ser encontradas em cinco grandes níveis: Sociedade, Família, Escola, Professor e Aluno [...]. No entanto, é preciso tomar cuidado com uma certa tendência de ver estes aspectos isoladamente um do outro; na verdade estão profundamente entrelaçados. A questão que deve ser colocada é sobre o grau de importância ou determinação de cada um desses níveis.*

Assim, se associarmos causas econômicas, sociais, familiares que interferem no comportamento dos alunos na escola e às distorções no exercício da autoridade na relação entre professores e alunos, podemos decifrar parte da “química” do processo de indisciplina no contexto escolar.

Segundo Guimarães (1996: 78-79), o grande problema talvez esteja no fato de o professor se concentrar apenas na sua posição normalizadora achando que, com isso, ele conseguirá eliminar os conflitos [...] A disciplina imposta [...] gera uma relação que explode na indisciplina incontrolável ou na violência banal.

Nesse sentido, a autora parece denunciar uma falta de sintonia entre professores e alunos criando um ambiente tenso onde fica praticamente inviável construir um projeto pedagógico sólido e significativo que pudesse levar o aluno a valorizar a escola. Ou seja, a falta de confiança recíproca entre professores e alunos, as regras de trabalho pouco claras inviabilizam a convivência no interior da escola. Talvez o caminho para promover uma disciplina interativa, participativa e consciente na sala de aula seja a construção de normas que satisfaçam o coletivo.

### 3. Disciplina e autoridade no ambiente escolar

A noção de disciplina no interior da escola tem sido imediatamente associada à autoridade atribuída ao educador. Durkheim (1978: 53) anuncia essa relação ao afirmar que, “por analogia, pode-se dizer, desde logo, que a educação deve ser um trabalho de autoridade. [...] Isso significa que a autoridade moral é a qualidade essencial do educador. Porque a autoridade que nele se encarna, é que o dever é o dever”. Essa perspectiva leva esse autor a considerar que as escolas como espaço público devem funcionar como mecanismo regulador e disciplinador da educação nacional e por decorrência, da ordem social (Durkheim, 1984). Portanto, educação da escola difere, quanto à sua função, da educação moral dada pela família, pois, opõem-se ao Estado, quase sempre, os direitos da família. Quando a família não está em estado de cumprir os seus deveres, é natural que o Estado apareça. É natural também que ele torne tão fácil quanto possível a tarefa educativa, pondo à disposição das famílias escolas a que elas possam mandar seus filhos” (Durkheim, 1978: 47).

Assim, a disciplina é associada ao exercício da autoridade do educador como imposição de regras morais como algo exterior à consciência das pessoas, ou seja, tais regras são por nós aprendidas a partir do meio cultural e social do qual fazemos parte. É no seio familiar que recebemos o “espírito” dessas regras e na escola que elas são definitivamente incorporadas.

Portanto, espera-se que educação moral confira “regularidade” ao comportamento dos indivíduos através de um conjunto de regras definidas e específicas que determinam imperativamente a conduta. [...] e uma vez que determina, fixa e regulariza as ações dos homens, a moral pressupõe a existência, no indivíduo, de uma certa pré-disposição para viver uma existência regular [...]. (Durkheim, 1984: 118).

Para cumprir tais delegações, as escolas refletem as estruturas sociais e os princípios da hierarquia institucional no seu interior em função da sua organização: diretores, pedagogos, professores, secretários, serventes, alunos e etc com a mesma racionalidade exigida por outras estruturas sociais como família, partidos, sindicatos, etc. Por essa razão é que a escola opera com a mesma racionalidade típica das instituições políticas da sociedade tendo como prioridade preparar os indivíduos para a vida social. Este tipo de estrutura que se encontra na sociedade não pode ser vivida apenas com a moral familiar. Deste modo, a passagem pela escola tem a função de preparar o indivíduo para que este viva em harmonia com outro tipo de moral, que não a afetiva somente (Durkheim, 1984).

Dessa perspectiva, que não nos parece estranha na estrutura escolar atual, a desobediência a determinadas regras resulta em descrédito para com a autoridade moral dos sujeitos aos quais foram delegadas as funções educativas, mesmo quando

os comportamentos considerados inadequados possam resultar em algum castigo moral ou material. Ou seja, a autoridade deixa de ser reconhecida por parte do grupo ao qual os “sujeitos transgressores” pertencem, podendo ser encarada como uma das razões da indisciplina no ambiente escolar.

Assim, corroborando com a constatação anterior, Guimarães (1996) afirma que a escola, como qualquer outra instituição, está organizada para que as pessoas sejam todas iguais. A homogeneização é exercida por meio de mecanismos disciplinares que organizam os tempos, os espaços, os movimentos, gestos e atitudes de alunos, professores e diretores impondo aos corpos uma atitude de submissão e docilidade. Esta “estratégia administrativa” não tolera as diferenças, conflitos e ambigüidades fazendo imergir uma extrema tensão entre forças antagônicas (alunos X professores) marcadas por uma pluralidade de ações e por uma inquietação desses grupos, que ao contrário de serem adversários, deveriam ser aliados, ainda que isso não signifique o fim das tensões próprias de ambientes partilhados por grupos com interesses diferentes.

Portanto, ao desconsiderarmos as formas como os grupos e sujeitos se organizam e partilham os espaços, o tempo, as relações entre si num ambiente onde autoridade e autoritarismo se confundem, desconsideramos também que isso gera uma reação que explode na indisciplina incontrolável ou na violência que segundo Guimarães (1996), não expressa apenas ódio, raiva ou vingança, mas também é uma forma de resistir e burlar as pretensões do controle homogeneizador imposto pela escola. As brigas (envolvendo alunos, professores e diretores) e as brincadeiras no interior do ambiente escolar deixam transparecer uma duplicidade de sentimentos de afeição pela escola e de rejeição às imposições da mesma.

Nesse sentido, a escola vem tratando a questão culpando o aluno e a família pelo problema. Fica evidente que o problema não se encontra só no comportamento indisciplinado do aluno, mas no jogo de empurra-empurra entre a escola, a família e a sociedade e o aluno considerado “problema” acaba sendo responsabilizado. Os professores por não disporem de ferramentas eficazes para refletirem sobre o problema continuam agindo ora de forma condescendente com a situação, ora autoritariamente contribuindo para o aumento do conflito e da indisciplina.

Além de analisar essa questão do ponto de vista teórico, parece-nos interessante demonstrar como o problema da indisciplina nas escolas tem sido tratado pelos estudos empíricos. Estudos realizados em 1998 pelo Banco de Dados sobre a Violência Criminalizada ligado ao Movimento Nacional dos Direitos Humanos (MNDH) e UDEMO (Sindicato de Especialistas de Educação do Magistério Oficial do Estado de São Paulo) em 788 escolas localizadas em 283 municípios de São Paulo mostram que 72% delas sofreram algum tipo de violência.

Este tipo de ocorrência cada vez mais freqüente de indisciplina e violência no contexto escolar tem interferido consideravelmente na qualidade do ensino afetando diretamente o funcionamento da escola.

Vale ressaltar, que essa situação não afeta somente as escolas brasileiras. No artigo intitulado "Crise de autoridade nas escolas" do jornal espanhol *La Vanguardia* (1998), Prieto diz que os professores despojados de autoridade e de prestígio fazem frente a um crescente clima de indisciplina, gastam 50% de sua energia pedindo silêncio necessário para dar aulas e outros 50% restantes tentando transmitir os conhecimentos. Prieto (1998) afirma que os professores acreditam que os problemas de disciplina parecem crescer de forma incontrolável e são problemas de dimensões globais pois atingem todas as classes sociais.

Estes acontecimentos podem estar ligados ao fato de que até alguns anos atrás, a escola representava para muitos a promessa de ascensão social e melhor qualidade de vida. Atualmente, a escola parece ter perdido seu encanto e o professor perdeu sua aura de sabedoria e autoridade. Como afirma Prieto (1998), o magistério vem perdendo valorização frente aos alunos e à sociedade, além das crescentes perdas salariais, numa época em que o êxito econômico é apreciado acima de qualquer outra coisa: o prestígio social de que gozava o professor evaporou e junto com ele sua autoridade.

Assim, o professor desvalorizado socialmente não consegue dar conta das crescentes responsabilidades que lhe são atribuídas pela escola e pela sociedade, situação que o tem levado à exaustão emocional. A situação revela-se preocupante. Muitos professores afirmam que nunca a sala de aula esteve tão tumultuada.

Diante de tais preocupações surgem-nos alguns questionamentos: o que tem sido caracterizado como comportamento indisciplinado? Os educadores em geral conseguem distinguir um ato de indisciplina de um ato infracional ou de violência escolar? Houve realmente um aumento dos casos de indisciplina nos últimos anos?

Se entendermos por indisciplina apenas o fato dos alunos enfrentarem frente a frente os professores, fazerem bagunças, atrapalharem as aulas, brigarem entre si, promoverem desordens, constataríamos de imediato que ela aumentou.

Pesquisas pedagógicas têm demonstrado quanto tempo o professor perde em sala de aula tentando criar condições para ministrar as aulas. Os distúrbios de comportamentos dos alunos vem gerando reclamações e medo, o que tem levado muitos educadores a optarem por conquistar a disciplina custe o que custar usando de mecanismos coercitivos para colocar ordem na classe e na escola.

Os alunos não são indisciplinados por acaso e a indisciplina não é um estado permanente: é um alarme que denuncia que algo está errado. O ato indisciplinado pode denunciar os problemas de casa (família), pessoais ou a insatisfação com a própria escola, com os conteúdos das matérias em sala de aula.

Por outro lado, o aluno acredita que é injustiçado, que seu comportamento não afeta o clima da sala de aula, que o mau comportamento vem sempre de seu colega, e portanto, a indisciplina na sala de aula e na escola é exterior a ele, ou seja, um problema de seus colegas de classe e do professor. Os professores em sala de aula creditam a responsabilidade pela indisciplina aos alunos e ao corpo administrativo.

O quadro abaixo, resultado de uma pesquisa realizada pela UDEMO (Sindicato de Especialistas de Educação do Magistério Oficial do Estado de São Paulo) em 1999 nos permite visualizar alguns dos principais problemas enfrentados pelas escolas estaduais de São Paulo.

Quadro I – Violência nas Escolas do Estado de São Paulo

TIPOS DE OCORRÊNCIAS	PERCENTUAL
Depredações	72,30%
Brigas	62,21%
Pichações externas	53,05%
Arrombamentos	50,47%
Pichações internas	49,77%
Explosão de bombas	48,36%
Tráfico de drogas perto ou dentro da escola	44,84%
Furtos	35,92%
Danificações de veículos	29,58%
Invasão de estranhos	

Fonte: UDEMO – 1999

Como podemos observar, algumas ações tidas como violentas podem ser encaradas como indisciplina escolar, o que demonstra a dificuldade em se distinguir situações de indisciplina e violência, o que tem levado as autoridades escolares a remeterem para além dos muros escolares, a busca de soluções para o problema. O quadro abaixo nos permite compreender melhor essa situação.

Quadro II – Violência nas escolas do município de Presidente Prudente – 1999

TIPOS DE OCORRÊNCIA	PERCENTUAL
Agressões Físicas	76%
Agressões Verbais	84%
Danos e/ou depredações	48%
Furtos e/ou roubo	28%
Drogas	36%
Álcool	12%
Ameaças	44%
Formação de Gangues	16%
Invasão por estranhos	16%

Fonte: D.R.A de Presidente Prudente – 1999.

Esses casos são aqueles notificados ao Ministério Público de Presidente Prudente como atos de violência escolar. Percebe-se que a maior ocorrência é de agressões verbais, atos indisciplinados, problemas que a própria escola poderia sanar sem a necessidade da convocação de instituições externas como o Ministério Público.

#### 4. Um palco sem bastidores nem cenários

O título acima se inspira numa recomendação feita por Luigi Pirandello para<sup>1</sup> encenação do texto teatral “Seis personagens à procura de um autor” para dar, desde o começo, a impressão de um espetáculo não preparado. Usamos essa figura para anteciparmos a idéia de que a ida à escola escolhida deu-se como se fôramos a um teatro em busca de um espetáculo que ainda não estava preparado.

Assim, os aspectos mais importantes a serem considerados nesta pesquisa são as concepções dos alunos entrevistados sobre indisciplina. Nas concepções dos alunos pudemos perceber que o vínculo que se estabelece entre os educadores e educandos é determinante para o aumento ou para diminuição da indisciplina na sala de aula e na escola. Ou seja, os cenários no interior do teatro (escola) vão sendo construídos na medida em que os atores (alunos e professores) se relacionam. O que observamos ao longo de nossa estada na escola foi que alunos e professores, atores desse espetáculo entram em cena e desempenham diferentes papéis, nem sempre ensaiados, mas bastante próximos daquilo que se espera deles.

Nossa análise, portanto leva em consideração o enredo - conjunto de incidentes ou acontecimentos que constituem a ação – e demais atores, isto é, o entorno em que estão inseridas as questões referentes à indisciplina: meios de comunicação de massa, pesquisadores, famílias, etc.

Se considerarmos a questão do ponto de vista dos alunos, podemos observar que seus comportamentos e discursos revelam uma profunda insatisfação com a escola, com a atuação e atitudes de professores, diretores e demais sujeitos que com eles interagem na escola. Nas verbalizações dos sujeitos entrevistados em nossa pesquisa isso fica bastante evidente como demonstram os depoimentos abaixo.

Hugo, refere-se à sua sala de aula da seguinte maneira:

Na minha opinião, a minha sala de aula é como se diz assim, ao mesmo tempo bagunceira e ao mesmo tempo disciplinada. Olha, tem alunos que não prestam atenção na aula, não respeitam os professores, nesse caso tem vários alunos na classe que passam do ponto com os professores, começam a xingar (...). Nesse caso ou os professores manda para a diretoria, dá advertência, ou fica na deles e não faz nada, aí a sala vira um tumulto (...). Tem vários professores aqui que deixam os alunos fazer o que quiser.

Nessa mesma linha de raciocínio temos o discurso de Beatriz:

O ambiente de minha sala de aula: em termos é disciplinada e em termos é bagunceira, indisciplinada porque tem alunos que vem para a escola não com interesse de estudar, vem para bagunçar mesmo, eles afirma isso quando o professor chama atenção, falam que vieram para bagunçar mesmo. Agora, antes, do início do ano a classe, assim, de maneira geral era bem disciplinada, o que estragou mesmo a turma, até os professores comentavam que era uma classe boa (...) o que estragou a turma foi os elementos da noite que vieram para a turma. Hoje a classe é uma bagunça e!...Sabe estragaram mesmo a classe (...). Aí os professores chamam atenção, manda para fora porque não dá para controlar a situação...

Em outras palavras, a classe é indisciplinada, mas o sujeito não faz parte dessa indisciplina e até aponta preconceituosamente os alunos que vieram do noturno como sendo os causadores dos conflitos disciplinares da sala de aula. Esse discurso da entrevistada, reforça aquela idéia que permeia a escola: o aluno do período noturno é problemático, indisciplinado e que está na escola só para ter um diploma. Essa também é a idéia da diretora da escola em que foi desenvolvida a pesquisa. Quando lhe apresentamos o projeto e a proposta de trabalho, ela afirmou que o grande problema da escola eram os alunos do período noturno que eram desinteressados, indisciplinados. Em outros depoimentos evidenciou-se a tentativa de atribuir aos alunos do período noturno a responsabilidade pela indisciplina na escola.

Quando os sujeitos da pesquisa foram questionados sob seu comportamento na sala de aula e na escola e sobre a interferência desse comportamento no andamento das aulas, obtivemos as seguintes respostas:

Olha eu não me considero bagunceiro não, mas converso bastante. Só que na hora da explicação, na hora certa de estudar não. Porque, tem sempre a hora certa de conversar, de brincar, de bagunçar. Eu não me considero bagunceiro, mas também não sou santo, ninguém hoje é santo né? Às vezes eu converso durante as aulas, mas baixo não atrapalha as aulas não.

Na fala de Beatriz evidencia-se esta concepção de que o seu próprio comportamento não interfere no ambiente da sala.

Não sou bagunceira não, na classe. Como diz a minha amiga, eu converso muito, mas na hora da explicação eu presto atenção. Na Segunda-feira mesmo, a gente coloca toda a fofoca em dia. Mas eu não sou indisciplinada não.

Outros depoimentos revelam a mesma concepção dos depoimentos anteriores em relação ao ambiente da sala de aula e ao comportamento dos alunos. Renata, por exemplo, diz que “minha sala de aula é assim, com ambiente irregular, uma hora é boa, outra hora é bagunceira. Assim, vai alternando, sabe! Tem umas alunas que são do noturno, que acha que de manhã é noturno (...). Elas pensam que a aula inteira é pra falar, só falar...”

Mais uma vez os alunos do noturno são os únicos responsabilizados pelo clima conflituoso na sala de aula. Quando perguntamos a Renata como ela se comportava na sala de aula obtivemos a seguinte resposta:

Eu me considero uma aluna falante, bem falante mesmo. Nossa senhora como eu falo! Eu me considero uma aluna falante, mas na hora da aula, da explicação a sério, na hora que a professora chama atenção, falo agora eu respeito, hora da prova é hora da prova. Eu me considero uma aluna como se diz: disciplinada.

Observa-se então que mesmo se considerando uma aluna falante, que às vezes precisa da professora chamar sua atenção, a entrevistada se considera uma aluna disciplinada; porém, afirma que a conversa de suas colegas atrapalha as aulas.

Nesta mesma linha de pensamento temos os depoimentos de Solange:

Minha sala de aula tem certas horas que é boa, mas tem hora também que é bagunceira. Tem uns alunos que prestam atenção, outros não prestam e ficam bagunçando, atrapalhando a aula.

Solange afirma que na sala de aula ela conversa bastante mas não atrapalha as aulas. Ela deixa isso bem claro quando afirma:

Eu não sou bagunceira não, eu converso bastante na hora que a professora está explicando não. Assim, chegar a atrapalhar às aulas não. Os professores nunca reclamo.

Como podemos perceber nas verbalizações anteriores, todos os alunos entrevistados denominaram a sala como bagunceira; entretanto, eles se consideram disciplinados, mesmo admitindo que são bastante falantes, não são responsáveis pelo clima conflituoso que se instala na sala de aula. Reafirmando essa idéia, transcrevemos o depoimento de Gustavo que confirma isso:

Eu me considero um pouco bagunceiro né! mas não atrapalho as aulas não, não sou nenhum santo, ninguém é santo. Mas assim, eu não sou mau aluno, tenho boas notas, em relação as notas os professores não reclamam não.

Pela fala do entrevistado pode se observar que seus professores reclamam de seu comportamento na sala de aula, quando ele afirma que em relação às notas os professores não reclamam não. Entretanto, embora o entrevistado se denomine bagunceiro, segundo ele, a culpa pelo clima de tumulto na sala é de seus colegas que sentam no fundo.

Em síntese, os entrevistados dizem que o problema da indisciplina existe na sala de aula, mas esse problema é exterior a eles. Na verdade os entrevistados se colocam como vítimas da situação, embora todos afirmem que conversam durante as aulas, mas não causam tumultos, não atrapalham, as aulas. Essa idéia reforça a hipótese de que existe um jogo de caça aos culpados pela a indisciplina na escola.

Nas entrelinhas dos discursos dos alunos podemos captar forte intenção de apontar os colegas de classe como sendo os responsáveis pelo clima conflituoso na sala de aula e os professores e o corpo administrativo da escola como cúmplices dessa situação, porque não tomam (segundo os entrevistados), atitudes severas mais adequadas para resolver o problema da indisciplina, que eles caracterizam como fazer bagunça na sala, no pátio, no corredor e brigar com os professores e funcionários e também, as brigas entre os alunos.

Desta perspectiva o aluno passa a hostilizar a classe; se de um lado tem certeza que a turma é problemática, do outro afirma que não é parte integrante dessa problemática e aponta os culpados e instrumentos para sanar os problemas conforme veremos a seguir.

Perguntados sobre seus professores, os sujeitos-entrevistados responderam o seguinte:

Os professores em temos são ótimos professores. Há alguns que são um pouco incompreensíveis, eles não compreendem os alunos, eles acham que todos os dias tem que vir, mesmo estando doente, morrendo, tem que vir, tem que receber visto na lição, se não vier, fica sem nota, prova não dão em outro dia, Se você fez, fez se não fez, não fez, fica com vermelho mesmo. Se você tiver doente não importa. Alguns professores são muito rigorosos. (Beatriz)

A mesma entrevistada afirma que em relação à disciplina na sala de aula os professores agem assim:

As vezes eles dialogam, as vezes passam sermão, brigam. Nossa às vezes eles falam coisa assim, que tocam profundamente. São assim, pais né? Disciplina um pouco os alunos, eu acho que disciplina tem que vir de casa, os professores tenta disciplinar um pouco né. Os professores de Matemática e de Física são os mais rigorosos com a disciplina. (Beatriz)

Podemos observar no discurso do entrevistada a decepção em relação à intransigência dos professores em relação às faltas dos alunos. Contudo, em relação à postura do professor frente à disciplina, ela acredita que o mesmo tem que “disciplinar”, ser um pouco parecido com os pais. Isso fica evidente quando ela afirma que eles tem que ser firme mesmo, às vezes eles falam coisa assim do tipo: vocês precisam estudar, prestar atenção na aula, porque isso vai fazer falta pra vocês mesmo, essas coisas assim meu pai mesmo, falando sempre do futuro.

Podemos observar uma tendência de esperar atitudes paternalistas dos educadores. Este estereótipo atribuído aos professores de que eles devem agir como se fossem pais dos alunos faz recair sobre eles outras responsabilidades, além das de natureza didático-pedagógica. Acrescida à tarefa de educar, atribui-se ao professor a responsabilidade de conter a violência na sala de aula, de disciplinar, coexistir, dialogar, de respeitar as diferenças e de se preocupar com a aprendizagem e o futuro do aluno.

Renata reafirma essa idéia de que o professor precisa verbalizar a preocupação com a aprendizagem do aluno.

Eles falam para os alunos respeitar os colegas, respeitar os professores, uns são mais bravos, manda os alunos para diretoria, outros falam que quem quiser aprender aprende, quem não quiser não aprende, porque eles não estão nem aí. Mandam os alunos para diretoria para vê o que é a diretora faz com esses alunos, são desse jeito. Uns às vezes pegam no pé, outros não. (Renata)

A expressão “pegar no pé” significa para os alunos a preocupação do professor com a sua aprendizagem. Quando a aluna afirma que:

uns falam, quem quiser aprender aprende (...) porque eles não estão nem aí, parece-nos que ela está dizendo que esses professores não estão interessados no aprendizado de seus alunos.

Em todos os depoimentos podemos observar que os alunos esperam que os professores exijam que eles estudem; não basta explicar bem, precisam demonstrar interesse pela aprendizagem dos alunos. Em síntese, os alunos querem que os professores tenham uma postura de líder na sala de aula. Ou seja, o professor na concepção dos alunos, precisa ter domínio do conteúdo, boa didática e ser um líder positivo que exija responsabilidade e dê limites. Esse raciocínio demonstra que o aluno não quer que o professor seja “bonzinho”, que possa fazer as lições, estudar na hora que ele quiser.

Por outro lado, paradoxalmente, em alguns depoimentos os entrevistados reclamam da intransigência e da falta de autoridade dos professores.

Tem vários professores que explicam bem a matéria, às vezes eles são um pouco ignorante (...), não deixam a gente explicar porque a gente faltou. Se a gente perde a matéria no caso de valer nota, fica sem nota, ela não dá visto em outro dia. Alguns são muito intransigentes, ficam bravos, não deixa a gente explicar. (Hugo)

Em seu depoimento, Solange deixa claro que a expressão “pegar no pé” significa ser intransigente, diferentemente da conotação anterior que denotava interesse do professor pelo aluno. “Pegar no pé” significa que os professores são bravos, nervosos, intransigentes. A mesma intransigência que Hugo reclama, quando afirma que os professores não ouvem as justificativas dos alunos, isto é, não dialogam com os alunos.

Tem professores que pegam no pé, são nervosos, agora tem outros que são bonzinhos. As aulas são boas, os professores explicam bem, mas os professores de matemática, história e educação física, são muito bravos, pega muito no pé.

Em relação à direção da escola, os entrevistados tem uma percepção bastante negativa sobre as atitudes e a relação da direção com os alunos. Os depoimentos seguintes podem confirmar essa afirmação. Quando perguntados como era a diretora temos os seguintes depoimentos:

Às vezes severa em relação ao atraso, uniforme, mas às vezes é fraca, não põe os alunos na linha. Não põe medo nos alunos, fraca mesmo, No começo das aulas um menino chegou a agredir um professor e ela não fez nada. A diretora não toma providências quando acontece esse tipo de coisa. (Renata)

Em outros depoimentos tivemos o mesmo discurso acusatório da falta de autoridade e do autoritarismo da direção:

Um pouco estressada. É difícil a diretora fazer alguma coisa aqui, ela só sabe dizer advertência e suspensão. Prá ela tá tudo bem, sabe! Tem aluno, não é só minha opinião, mas tem alunos aqui que critica essa diretora bastante. Ela não toma atitude. Ela nunca toma atitude rígida com os alunos” (Solange)

Analisando as verbalizações dos alunos, um dos aspectos que podemos destacar diz respeito à questão da autoridade da diretora. Ela dá advertência quando o aluno chega atrasado, mas não toma atitudes mais severas em relação ao comportamento do aluno. Aqui está implícita a idéia de punição aos alunos tidos como maus elementos e indisciplinados na escola. Talvez esses discursos revelem o pensamento de que o problema da indisciplina só pode ser resolvido através da coação, de regras rígidas e de punições. Essa afirmação pode ser confirmada quando eles afirmam que a diretora não toma atitudes rígidas com os alunos mal comportados.

Outro ponto levantado pelos alunos é o rigor nas atitudes da diretora em relação aos atrasos para as aulas.

A diretora, bom (...), ela é bem rigorosa, se a gente não chegar na hora certinha ela não deixa entrar. Se chegar cinco minutos atrasado ela já fecha o portão, a grade, tem que assinar advertência e só subir na Segunda aula. Mesmo que a gente tenha prova, trabalho importante, ela não deixa entrar,. Ela não perdoa mesmo, ela é bastante rigorosa". (Beatriz) A diretora, ela é bastante severa, ela dá o seu sermão lá na frente, fala um monte de bobeira, dá seu discurso lá na classe (...). Em termos de indisciplina, se o professor chama, se os alunos passa do ponto, ela vai na classe e briga lá na frente, ou os professores mandam para baixo, ela dá advertência ou uma suspensão e pronto. Tudo pra ela é advertência! Em termos de atraso, eu estava conversando com a professora, que nenhuma escola, nem particular, nem pública, tem essa de se você atrasar uns cinco minutos, fecha o portão e não deixa você entrar, isso seria motivo de dar advertência? Qualquer coisinha ela dá advertência". (Hugo)

Podemos constatar uma grande frustração dos alunos com a falta de diálogo da diretora. Ao mesmo tempo em que os alunos exigem que a diretora coloque limites e que seja mais rígida e firme, exigem diálogo e criticam as constantes advertências, pois essa atitude não resolve o problema da indisciplina. Gustavo afirma que já levou várias advertências e que foi suspenso também.

Já levei advertência várias vezes e já fui suspenso também. Porque eu bagunço na sala de aula né! Aí a professora manda pra diretoria (...). Depois quando a gente volta da suspensão né, a gente volta mais calmo, mas depois passa né, e aí acontece tudo de novo, mas nada sério.

As constantes advertências por qualquer motivo tornam-se uma coisa banal para os alunos. Até mesmo uma suspensão não tem a menor importância. Pelas falas, levar advertência é um processo comum no cotidiano escolar. Todos os alunos entrevistados e outros que abordamos informalmente já foram mandados para a diretoria e somente dois alunos com quem conversamos nunca tinham levado advertência nessa escola. Dos entrevistados, sete já levaram advertência só esse ano e três haviam sido suspensos, inclusive dois deles durante o período de realização da pesquisa. Vejamos nos depoimentos que se seguem os principais motivos apontados pelos entrevistados para serem advertidos ou suspensos.

Já levei advertência várias vezes; na semana passada cheguei atrasado, aí tem que passar na diretoria para tomar advertência porque se não, não entra mesmo. (Natanael)

Mais adiante Natanael nos conta que grande parte de seus colegas de sala também já foram advertidos, por causa de bagunça, cabulação de aulas ou porque chegam atrasados. Beatriz nos conta que, levou advertência por ter saído uns minutos antes de terminar as aulas de Educação Física. Segundo Beatriz, chegar atrasada também é motivo para ser advertida. Perguntada se seus colegas também são sempre advertidos Beatriz afirma: Eu já levei advertência mas não por indisciplina, mas por matar aula, chegar atrasada sair uns minutinhos antes (...). Meus colegas quando os professores falam alguma coisa prá eles e eles respondem com palavras pesadas, eles mandam pra diretoria aí, eles assinam o livro de advertência ou leva suspensão de uns três ou quatro dias.

Hugo também foi advertido porque saiu cinco minutos antes de terminar a aula como mostra o trecho a seguir.

Em termos de indisciplina não, mas em outros casos de perder aula, por exemplo se a gente sair cinco minutos antes de terminar a aula (...) isso causa advertência.

Perguntados sobre como agem os professores quando acontece alguma indisciplina na sala de aula as respostas foram unânimes: o professor põe o aluno para fora da classe, chama a diretora ou manda para a direção. Nessa situação os alunos são advertidos ou suspensos. Podemos constatar que essas atitudes não têm grande importância para os alunos tornando-se corriqueiras e sem qualquer significado a não ser uma clara manifestação de autoritarismo. Assinar uma advertência significa assinar qualquer coisa, tendo em vista que não há parâmetro para o aluno ser advertido: chegar atrasado ou brigar na sala de aula tem o mesmo peso. Essa situação causa indignação no aluno que advertido por chegar atrasado se considera injustiçado. Outro ponto que podemos observar nos discursos dos alunos é que eles consideram que indisciplina é bagunça na classe, responder o professor, etc. Entretanto matar aula, fugir no meio da aula não é indisciplina. Alguns dos entrevistados durante o estágio de observação, ficavam no pátio conversando enquanto as aulas aconteciam. Porém, esse comportamento é considerado normal. Em suas verbalizações, a indisciplina que incomoda é a barulhenta, é a bagunça na sala, pois é a bagunça que atrapalha as aulas. Em uma das conversas informais, alguns alunos afirmaram que se quisessem ficariam todo o tempo de aula na quadra sem assistir aula. Se não estiverem atrapalhando ninguém não há indisciplina, porque a gente não tá impedindo a professora de dar aula.

Em todos os discursos percebe-se que os entrevistados exigem atitudes mais firmes da diretora. O controle das ações dos alunos deve ficar a cargo da diretora. Esse controle é legitimado quando os alunos afirmam que a diretora tem que ser mais firme, mais rígida e colocar medo nos alunos. Em outro momento, entretanto, a questão do controle revela uma ambigüidade: o outro tem que ser controlado e punido porque

está fazendo bagunça na sala de aula. Mas com relação a si, a diretora precisa ser maleável quando ele sai da aula e fica no pátio, sai antes de terminar a aula ou vem sem uniforme. Contudo, essa ambigüidade é causada pela própria forma de atuação da direção que toma as mesmas atitudes frente a problemas diferentes. E podemos constatar claramente essa reflexão quando os alunos afirmavam em suas entrevistas: “tudo prá ela é advertência, ela só sabe dizer advertência e suspensão, qualquer coisinha ela dá advertência” (Hugo). A falta de parâmetros para avaliar as ações dos alunos com a atitude de distribuir advertências por qualquer motivo nos leva a visualizar uma falta de autoridade da direção. O problema chega até a direção e por ela não saber o que fazer e não ter autoridade suficiente para resolvê-lo tenta de alguma forma reprimir ou coagir o “autor” ou o causador do problema, o que gera o conflito, pois o sujeito reprimido ou coagido reage à coação, às vezes de forma violenta.

Em outros momentos dos depoimentos podemos observar que os professores em sala de aula não têm conseguido encontrar soluções para os problemas disciplinares que ocorrem durante as suas aulas. Por isso, constantemente pedem a intervenção do corpo administrativo. Os alunos ao perceberem essa falta de autoridade dos professores reagem a essa situação e provocam conflitos na sala de aula. Podemos observar que o aumento da indisciplina na sala de aula e na escola se dá pela inconsistente relação entre alunos e educadores caracterizada pelo autoritarismo ou pela falta de autoridade dos educadores. Nos depoimentos transcritos, os alunos entrevistados deixam transparecer suas angústias em relação às atitudes dos educadores e da situação de sua escola e das escolas públicas de um modo geral.

Em síntese, podemos inferir que os problemas de indisciplina e de violência que captamos pela verbalização dos entrevistados e pela nossa observação podem ser facilmente administrados pela própria escola, pois esses problemas são corriqueiros tais como bagunça, tumulto, discussão entre professores e alunos, apatia, desinteresse, brigas entre alunos, pichações, pequenos furtos, etc.

É importante que os educadores saibam interpretar, analisar, enfrentar e superar esses problemas tendo sempre em vista o caráter educativo e pedagógico da escola. A escola – direção, coordenação e professores - precisa encontrar alternativas para enfrentar a indisciplina e a violência na escola. Para tanto, os educadores precisam estar comprometidos politicamente com a sua tarefa: serem tecnicamente competentes e assumir democraticamente a sua tarefa educativa. O professor politicamente comprometido sabe que nunca está completamente preparado e por isso desejará sempre renovar seu preparo técnico ampliando seus conhecimentos e atualizando-se. Quando o educador compreender que sua tarefa não se limita à sala de aula, estará contribuindo para a construção de uma escola democrática. Talvez um das alternativas para superar o problema da indisciplina e da violência escolar seja o trabalho participativo em que as decisões não caibam exclusivamente aos educadores possibilitando aos alunos identificar um novo sentido na escola vinculado a um projeto de construção da cidadania e emancipação do indivíduo.

## 5. Considerações finais

A indisciplina e a violência escolar, transitam indistintamente nas escolas públicas e privadas de todo o país. Por não ser um fenômeno exclusivo das escolas públicas a origem do problema não pode ser atribuída somente às questões econômicas. Na verdade, há muitos vilões causadores dos distúrbios disciplinares: a desagregação familiar, que atinge todas as classes sociais, a crise econômica, o desemprego, a competição feroz no mercado de trabalho, a indução ao consumismo, a crise de valores, a falta de diálogo na escola, etc. Ou seja, um conjunto de fatores explosivos que não diz respeito unicamente à escola, mas ao conjunto da sociedade. A realidade escolar então, atua como um microorganismo social no qual desenrolam-se múltiplas relações que escapam aos olhares menos atentos.

Assim, entendemos que todos os sujeitos ligados à tarefa educativa – diretores, orientadores, coordenadores, professores, pesquisadores – devem estar atentos aos movimentos no interior da escola, em busca de soluções adequadas. Parece-nos que uma educação dialógica onde os alunos construam e se apropriem dos conhecimentos e, compreendam a realidade da sociedade e façam uma reflexão sobre essa realidade é um caminho interessante para se repensar a escola. Isso significa que a escola não pode simplesmente repassar os conteúdos. É preciso definir os objetivos, a finalidade dos conteúdos ministrados, respeitando as necessidades e interesses dos alunos.

Contudo, muitos professores não estão preparados para serem questionados, para debaterem e buscarem novas interpretações até porque perderam sua própria identidade como educadores, uma vez que a sociedade não os valoriza. Vasconcellos (1995, p.70), diz que o professor pode assumir duas posturas extremas para a construção da disciplina: aquele que superestima o seu papel e aquele que subestima seu papel. Ele deve entender que seu papel é legitimado socialmente e ao mesmo tempo buscar a legitimação de sua autoridade diante da classe sem apelar para a disciplina formal/autoritária. Nas duas posturas o professor provoca o conflito na sala de aula. Os próprios alunos reconhecem que a autoridade do professor é necessária no processo de ensino/aprendizagem. Uma das alunas entrevistadas afirmou que quando os alunos estão conversando muito durante as aulas, os professores colocam eles para fora, ou então, mandam logo para a diretoria para assinar o livro. “Agora tem outros que nem liga, parece que já acostumou com a bagunça dos meninos, finge que não vê” (Raquel), demonstrando o que os alunos esperam de seus professores em relação à disciplina e autoridade. Ora, os professores agem drasticamente e chamam uma autoridade externa à classe para solucionar o problema. Em outros momentos agem de forma condescendente com a situação. Um outro depoimento, revela que as medidas mais drásticas também não alcançam o efeito desejado; é o que afirma Gustavo:

Eu já levei várias advertências e já fui suspenso também (...). Depois a gente volta da suspensão né, a gente volta bem mais calmo, mas depois passa né, e aí acontece tudo de novo, mas nada sério, ou seja, as punições não tem efeito sobre o comportamento dos alunos.

Ao contrário, o aluno punido volta a cometer atos indisciplinados com mais frequência. Em seu depoimento, Hugo deixa transparecer, que o desinteresse dos alunos na sala de aula é resultado dos métodos dos professores. Ele afirma que se pudesse mudaria os métodos dos professores dar aulas, que gostaria que houvesse mais debates e que os professores sássem um pouco do livro didático. Nesse sentido a indisciplina seria uma resistência à forma dos professores darem aula.

Entretanto, não podemos correr o risco de descarregar o problema exclusivamente sobre o professor, pois não se pode falar de prática pedagógica na sala de aula esquecendo que a escola é um conjunto de atores formado por docentes, demais educadores e alunos. Os educadores não estão imunes aos problemas sociais, econômicos e ao estresse do dia-a-dia. Tais pressões geram uma dose de agressividade e autoritarismo que também influencia os alunos. A indisciplina e a violência na escola, portanto, revelam-se pela interação de forças antagônicas: de um lado o autoritarismo da escola, do outro a resistência do aluno a se submeter a regras impostas. A vida em sociedade e conseqüentemente na escola, pressupõe a criação e cumprimento de regras capazes de nortear as relações, possibilitar o diálogo, a cooperação e a troca entre os membros deste grupo social. Entretanto, as regras não devem ser estipuladas autoritariamente. A autoridade na escola é necessária para que as relações se organizem na instituição. Porém, deve ser exercida de forma democrática. Nesta lógica, as regras da escola deixam de ser vistas como castradoras da liberdade, mas como necessárias ao convívio social e sendo assim, o disciplinador é aquele que educa tendo sempre em vista uma conduta dialógica por parte do educador.

Conforme apuramos, toda tentativa de controle, normatização e rigidez disciplinar acaba por provocar um efeito contrário com uma maior instauração da violência e da indisciplina o que nos leva a concluir que a indisciplina e a violência escolar constituem-se através do jogo de forças (domínio e resistência) entre educadores e alunos que tende a se agravar se não houver uma maior atenção para entender e trabalhar com o aluno concreto, com todos os seus problemas econômicos, sociais e afetivos.

#### **Correspondência:**

Faculdade de Ciências e Tecnologia  
Rua Roberto Simonsen, 305 - Centro Educacional.  
CEP 19060-900 - Presidente Prudente - São Paulo - Brasil  
alberto@prudente.unesp.br

#### **Notas**

<sup>1</sup>. Pirandello, Luigi. O falecido Mattia Pascal; Seis personagens à procura de um autor. Trad. Márcio da Silva, Brutus Pedreira e Elvira Rina Malerbi Ricci. São Paulo: Abril Cultural, 1981. p. 349.

**Referências Bibliográficas**

- Adorno, S. (1998) *Violência: um retrato em branco e preto. Série Idéias*, 21.
- Aquino, J.G. (org.) (1996) *Indisciplina na Escola: Alternativas teóricas e práticas*. São Paulo: Summus.
- Carvalho, J.S.F. (1996) O Sentido da (in) disciplina: Regras, Métodos como práticas sociais. In: J.G. Aquino (org.), *Indisciplina na Escola: Alternativas teóricas e práticas*. (pp. 10-21) São Paulo: Summus.
- Domingues, I. P. (1995) *Controlo disciplinar na escola. Processos e práticas*. Lisboa: Texto Editora.
- Durkheim, E. (1984) *Sociologia, educação e moral*. Porto: Res-Editora.
- Fernandes, R.L. (1999) *La violencia en los colegios. Una Revisión Bibliográfica*. Consultado em 10 de junho de 1999. <http://www.Cip.fuhem.es/violencia/reubiblio.html>.
- Ferreira, A.B.H. (1986) *Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa*. 2 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- Foucault, M. (1987) *Vigiar e Punir: histórias de violência nas prisões*. Petrópolis: Vozes.
- Guimarães, Áurea M. (1996) *A dinâmica escolar: Conflito e ambigüidade*. Campinas-SP: Autores Associados.
- Jornal Folha de São Paulo*, 21 de abril de 1998.
- La Taille, Y. de (1996) A Indisciplina e o sentimento de vergonha. In: J.G. Aquino (org.), *Indisciplina na Escola: Alternativas teóricas e práticas* (pp. 1-20). São Paulo: Summus.
- Ludke, M. & André, M.E.D.A (1986). *Pesquisa em Educação: Abordagens qualitativas*. São Paulo: EPU.
- Minayo, M.C.S. (org.) (1999) *Pesquisa Social: Teoria, Métodos e Criatividade*. Petrópolis, Vozes.
- Prieto, M. D. (1998) Crisis de autoridad en las aulas. *La Vanguardia*, Madrid, 19 de abril de 1998.
- Revista Educação*, ano 26, n.º 227, março de 2000.
- Revista Nova Escola*, ano XIII, n.º 113, junho de 1998.
- Rodrigues, A. (1981) Contribuições da Psicologia Social a Situações Escolares. In: *Aplicações da Psicologia Social*. Petrópolis: Vozes.
- Rodrigues, N. (1984) *Lições do Príncipe e Outras Lições*. São Paulo: Cortez.
- Rego, T. R. (1996) A Indisciplina e o Processo Educativo: Uma análise na perspectiva Vygotskiana. In: J.G. Aquino (org.), *Indisciplina na Escola: Alternativas teóricas e práticas* (pp. 37-55). São Paulo: Summus.
- Vasconcellos, C. S. (1995) *Disciplina: Construção da disciplina consciente e interativa em sala de aula e na escola*. São Paulo: Libertad.